



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/ CAMETÁ
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – 2011.
PLANOS DE AÇÕES ARTICULADAS E FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR**

IVANA DOS SANTOS RODRIGUES

**SAMBA DE CACETE: ORALIDADE QUE REPRESENTA O POVO
QUILOMBOLA DE UMARIZAL NO MUNICÍPIO DE BAIÃO, PARÁ.**

BAIÃO – PARÁ, 2016



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/ CAMETÁ
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – 2011.
PLANOS DE AÇÕES ARTICULADAS E FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR**

IVANA DOS SANTOS RODRIGUES

**SAMBA DE CACETE: ORALIDADE QUE REPRESENTA O POVO
QUILOMBOLA DE UMARIZAL NO MUNICÍPIO DE BAIÃO, PARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Letras/UFPA- Campus Universitário do Tocantins, Polo Baião, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto.

BAIÃO – PARÁ, 2016

IVANA DOS SANTOS RODRIGUES

**SAMBA DE CACETE: ORALIDADE QUE REPRESENTA O POVO
QUILOMBOLA DE UMARIZAL NO MUNICÍPIO DE BAIÃO, PARÁ.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Membro da Banca

Membro da Banca

Avaliado em: __/__/__/

Conceito:

Dedico este trabalho a Deus e as duas pessoas especiais que são meus pais, Benedito Rodrigues e Venina Ramos dos Santos Rodrigues, que em nenhum momento mediram esforços para realização dos meus sonhos. Guiaram-me pelos caminhos corretos e ensinaram-me que a honestidade e o respeito são essenciais à vida, e que devemos sempre lutar pelo que queremos. A eles devo a pessoa que me tornei, sou extremamente grata e tenho muito orgulho por chamá-los de pai e mãe.

Aos meus irmãos Ivair dos Santos Rodrigues, Ivanildo dos Santos Rodrigues, Ivanilza das Graças dos Santos Rodrigues, Ivanice dos Santos Rodrigues, Ivone dos Santos Rodrigues e Ione dos Santos Rodrigues, pelo amor, incentivo, apoio incondicional, companheirismo e suporte emocional.

A todos os meus familiares e amigos que direta e indiretamente contribuíram para o êxito desta minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, Senhor de todas as situações, que esteve presente comigo em todos os momentos desta pesquisa. Aos meus pais e meus irmãos que sempre estiveram presente comigo em todos os momentos. A todas as pessoas, familiares, amigos ou apenas conhecidos, que ao longo da jornada rezaram por mim e dirigiram palavras de estímulo para que eu prosseguisse com os estudos.

Agradeço ao conjunto de professores e professoras do Plano de Ações Articuladas e Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) de Graduação em Letras: Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará (UFPA), pelos valiosos momentos de formação e crescimento.

Agradeço aos meus colegas do curso de Letras: Língua Portuguesa pelo ambiente acolhedor, paciente e festivo que conseguimos criar em todos os momentos do referido curso.

Agradeço a professora Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto por orientar esta pesquisa com muita determinação, afinho e interesse.

Agradeço aos moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Umarizal que me receberam em suas casas e concederam entrevistas, e foram muito importantes para constituição deste estudo.

“Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (...) O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.” (Walter Benjamin)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a oralidade popular a partir do Samba de Cacete e a sua importância para os habitantes da comunidade Remanescentes de Quilombola de Umarizal, no Município de Baião/PA. Da mesma forma, visa evidenciar as letras, os ritmos e melodias presentes na música dessa prática cultural, dando ênfase a sua ancestralidade, tradições e costumes, visto que o Samba de Cacete se constitui de dança e músicas cantadas pelos próprios dançarinos, muito reconhecidas e praticadas pelos moradores de Umarizal e demais povoados negros da região do Tocantins/Pará, porém pouco conhecidas em outras regiões brasileiras. Tenta-se identificar a potencialidade oral dos descendentes de quilombos da povoação em estudo, expressa e representada no Samba de Cacete, especialmente através de suas músicas, com seus respectivos significados, enfatizando traços culturais de resistência e identidade negra. Metodologicamente, além do estudo de obras de autores que tratam da temática em questão, como: ALBERTI (2005), ANTUNES (2006), CASTILHO (2009), PIRES (2003), PINTO (2004), LIMA (2012), PORTER (1993), também foi realizada pesquisa de campo, mediante observação participante e entrevistas, guiadas por questionários feitas com os habitantes da povoação remanescente de quilombolas de Umarizal. Os dados da pesquisa apontam que na comunidade pesquisada o Samba de Cacete é bastante peculiar, carregando traços de religiosidade, resistências, lutas por sobrevivência e formas de lazer de antigos quilombolas da região.

Palavras-chave: Oralidade; Samba de Cacete; Cultura; Resistência e identidade no povoado quilombola de Umarizal.

SUMÁRIO

Introdução	09
I Capítulo: LINGUAGEM E ORALIDADE	12
1.1- Conceções de linguagem: oralidade	13
1.2- A oralidade e os PCNs.....	14
II Capítulo: A ORALIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL	16
2.1- A comunidade de Umarizal	17
2.2 - A organização em forma de associações	21
2.3 – Aspectos econômico e educacional de Umarizal.....	35
III Capítulo: SAMBA DE CACETE: DANÇA, MÚSICA, ORALIDADE E INFLUÊNCIA CULTURAL NA REGIÃO DO TOCANTINS NO PARÁ	42
3.1-Samba de cacete: herança cultural da resistência negra na região do Tocantins	43
3.2- A Linguagem popular no canto quilombola	47
4-Considerações finais.....	54
5-Referências bibliográficas.....	57

INTRODUÇÃO

O samba de cacete é uma prática cultural encontrada nas povoações remanescentes de antigos quilombolas da região do Tocantins, no Pará. Embora cada povoação tenha sua forma particular de realização, os tambores, o ritmo, as letras e o modo de dançar são semelhantes. É uma espécie de batucada com participação de todos os presentes naquele momento, vem da improvisação, onde as músicas surgem livremente no momento, ou, então, canta-se as já tradicionais, passadas de uma geração para outra (PINTO, 2004).

No povoado de Umarizal, município de Baião, no Pará, o Samba de Cacete de Umarizal é uma dança cultural que surgiu no antigo Paxiubal onde escravos refugiados organizavam batucadas em pedaços de pau e cantavam músicas de suas autorias com letras que retratavam suas próprias vivências. Um momento festivo que servia para espantar a exaustão de um dia inteiro de trabalho nas lavouras.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a oralidade popular a partir do Samba de Cacete e a sua importância para os habitantes da comunidade Remanescentes de Quilombola de Umarizal, no Município de Baião/PA. Da mesma forma, visa evidenciar as letras, os ritmos e melodias presentes na música dessa prática cultural, dando ênfase a sua ancestralidade, tradições e costumes, visto que o Samba de Cacete se constitui de dança e músicas cantadas pelos próprios dançarinos, muito reconhecidas e praticadas pelos moradores de Umarizal e demais povoados negros da região do Tocantins/Pará, porém pouco conhecidas em outras regiões brasileiras. Tenta-se identificar a potencialidade oral dos descendentes de quilombos da povoação em estudo, expressa e representada no Samba de Cacete, especialmente através de suas músicas, com seus respectivos significados, enfatizando traços culturais de resistência e identidade negra.

Convém destacar que nas comunidades quilombolas a oralidade é a principal forma de expressão. Em se tratando de narrativas de idosos, serve como um mecanismo de transmissão dos seus saberes para a posteridade. Isso significa que a utilização dos depoimentos de pessoas da terceira idade na construção da memória coletiva representa uma força unificadora que confere identidade (PORTER, 1993: 16), seja para fins de reconhecimento como remanescente de quilombo, contribuição para a pesquisa acadêmica ou forma de confirmar o seu percurso histórico.

É importante destacar que para iniciar a pesquisa que resultou neste trabalho primeiro foi realizado um levantamento bibliográfico e o estudo de obras de autores que tratam da temática envolvendo povoações quilombolas, oralidade e cultura negra, como: ALBERTI (2005), ANTUNES (2006), CASTILHO (2009), PIRES (2003), PINTO (2004), LIMA (2012), PORTER (1993). Da mesma forma, foi realizada a pesquisa de campo, mediante observação participante e entrevistas guiadas por questionários feitas com os habitantes da povoação remanescente de quilombolas de Umarizal.

O interesse por este estudo emergiu através da minha própria experiência vivenciada na comunidade quilombola de Umarizal, lugar onde nasci e resido, onde se pratica o Samba de Cacete, que têm atribuições e significados culturais ancorados nas histórias de lutas e resistência da população negra que habita esta região, com ênfase na oralidade, proveniente das musicas, que fazem parte desta prática cultural. Esta é uma manifestação cultural que busca interagir e incentivar todos os habitantes da comunidade, que de forma dinâmica seja praticada na vila de Umarizal e demais povoações negras da região, para que não caia no esquecimento, mas sim, que seja constantemente repassada de geração para geração.

Pesquisas que vem sendo realizadas na região do Tocantins ressaltam que os habitantes dessas povoações remanescentes de quilombolas lutam pelo não extermínio dos núcleos de descendentes de antigos quilombolas (PINTO, 2006, p. 274). Diversos estudos que se ocupam deste tema ressaltam a importância cultural da população remanescente de antigos quilombolas com seus costumes, tradições, peculiaridades, oralidade e resistência.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo, *Linguagem e Oralidade*, evidencia algumas concepções acerca da linguagem e da oralidade, estabelecendo conexão entre o social e o cultural, de forma que não ocorra preconceito em detrimento dos diversos dialetos presentes no cotidiano. Este capítulo, também traz atribuições dos PCNs sobre a importância das variações linguísticas trazida na bagagem cultural de cada um de nós.

O segundo capítulo, *A oralidade na Comunidade Quilombola de Umarizal*, destaca, a partir de estudos realizados na região e nas entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, qual é a origem desta povoação, narrando a história do processo de formação do primeiro reduto de negros resistentes ao processo escravista até o surgimento da atual Vila de Umarizal. Da mesma forma, além de evidenciar questões relacionadas a economia e a educação desta comunidade, também enfatiza as associações existentes, tais como:

Associações de homens e mulheres agricultores (as), Associação dos Remanescentes de Quilombos de Umarizal.

O terceiro Capítulo, Samba de Cacete: dança, música, oralidade e influência cultural na região do Tocantins no Pará, reflete sobre o Samba de cacete, herança cultural da resistência negra na região do Tocantins, destacando a identidade quilombola, com suas respectivas modificações e permanências.

CAPITULO I

LINGUAGEM E ORALIDADE

1.1- CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ORALIDADE

A língua é “algo vivo”, logo, “ela não pode ser concebida como um simples código linguístico, ela é um instrumento poderoso para persuadir, interagir, emocionar-se, explorar e se comunicar. A interação social é, portanto, a concretude da linguagem”. (PIRES, 2003).

A língua, segundo Castilho, é um fenômeno constante que semanticamente falando une e separa, prende e liberta, alegra e entristece, enfim, a língua é o instrumento crucial do ser humano. Pois,

sem uma língua, não poderíamos formular nosso pensamento. Você já se deu conta de que pensa em português? Sonha em português? Organiza-se logo de manhã com respeito ao que terá de fazer durante o dia, falando consigo mesmo em português? E mesmo quando quer aprender uma língua estrangeira, sai por aí tentando pensar só nessa língua, como um bom modo de dominá-la (CASTILHO, 2009, p. 2).

Nesta mesma perspectiva o uso do signo linguístico constitui uma das formas de separação e domínio de uma determinada comunidade. Além do mais, é um instrumento poderoso que, quando domina seu uso, orientam-se práticas sociais nas quais se envolvem os sujeitos em suas trajetórias de vida, sobretudo quanto às possibilidades de problematizar, vivenciar e entender o domínio da linguagem como um dos canais para mudanças que possam tornar as relações mais igualitárias e democráticas do ponto de vista econômico, político e cultural (RODRIGUES, 2013).

Em decorrência das diversas necessidades dos falantes, a linguagem humana normalmente é determinada pelas condições e situações em que é usada. Assim sendo, segundo ressaltava Antunes (2006), considerando a ampla variação nos fenômenos linguísticos,

a língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem à determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. (ANTUNES, 2006, p. 22)

Neste sentido, os estudos da linguagem, da língua, do pensamento e da cultura não pode distanciar-se sob pena de excluir elementos que lhes são próprios e constitutivos. [...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p.25).

Para tanto, a oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia-a-dia, desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportamos de um modo diferente em cada situação comunicativa. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização.

Considerando que os fenômenos linguísticos têm uma ampla variação há de primar por um ambiente sem preconceito a essas variações linguísticas, pois estas devem ser vistas e observadas como identidade cultural e social do indivíduo e, sobretudo, como um fato de que a língua é um instrumento que está em constante mudança. Assim, neste trabalho serão versadas concepções de linguagem, conforme o dizem os PCN, através da análise da oralidade popular a partir do Samba de Cacete e a sua importância para os habitantes da comunidade Remanescentes de Quilombola de Umarizal, no Município de Baião.

1.2- A ORALIDADE E OS PCNs

As atribuições dos PCNs acerca da variação linguística trazida na bagagem cultural do aluno é que o mesmo não seja desrespeitado e nem discriminado e sim que se possa explorar questões das variações que poderão ser lançadas de acordo com a oralidade e realidade do educando. Porém, segundo Lima (2012) “a realidade encontrada nas escolas mostra favorecimento da língua culta, ou língua padrão, sem respeitar a variedade linguística dos alunos. Fato que pode ter como consequência o bloqueio da expressividade oral e escrita dentro da escola” (LIMA, 2012).

[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência

discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa (BRASIL, 1988, p. 82).

Em pesquisas feitas acerca das crenças de professores e alunos de português em uma cidade de Minas Gerais, alguns professores se mostram presos a várias crenças, entre elas a de que é preciso corrigir a fala do aluno, de que os analfabetos falam errados e de que sem saber gramática não se pode aprender a escrever. Diante dessa realidade, elas concluem que, dessa forma as variedades linguísticas de seus alunos são desfavoráveis, colaborando para que eles não acreditem em sua própria capacidade de se expressar com competência (CYRANKA e RONCARATI, 2008 apud LIMA, 2012).

Nesse sentido, a recomendação dos PCN está no favorecimento de um espaço educativo onde a linguagem popular seja respeitada e o ensino possa ser visto sob uma ótica reflexiva e assim o discente tenha capacidade de percepção das diversas variações que a língua apresenta e que certas falas ou expressões podem ser adequadas para algumas situações, mas não para outras.

CAPITULO II

A ORALIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL

2.1- POVOAÇÃO DE UMARIZAL: HISTÓRIA DE LUTAS E RESISTÊNCIAS

A Comunidade Remanescente de Quilombolas de Umarizal situa-se à margem esquerda do rio Tocantins, no Município de Baião, possui uma população estimada em mais de 2500 mil habitantes. Pinto (2004) menciona que Umarizal teria surgido a partir da desagregação do antigo quilombo de Paxiubal, que teria sido formado por volta de 1870, quando um grupo de negros escravizados em fuga,

em uma canoa roubada, desceu a partir da localidade de Mocajuba, margem direita do Rio Tocantins, constituindo um pequeno reduto negro na outra margem do rio. Entre os negros fundadores são citados os nomes de Manoel Rosa, Antonio Pinto, Virgilina, Feliciano Jósimo, Maximiana, Clementina e principalmente Sinfrônio Olímpio, um escravo que havia sido libertado, por ter participado como soldado da Guerra do Paraguai em fins de 1860. Nas matas da região, o povoado foi crescendo tanto pela fuga dos negros alcovitados por Sinfrônio, quanto pelos libertos que chegaram depois da abolição. A partir desse quilombo, vários miniquilombos se constituíram nas proximidades, dentre os quais destacam-se Igarapé Preto, Bailique e Santa Fé (PINTO, 2004, p. 78).



Imagem 01: Senhora Raimunda Farias, 85 anos, moradora de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

Como se pode observar, o povoado de Umarizal foi formado a partir da chegada de famílias que fugiam da escravidão e que procuravam um local que servisse de esconderijo e fosse propício à plantação e criação para suas sobrevivências. A oralidade local narra que as primeiras famílias vieram das localidades de Maracú e Putirí, que ao embrenharam-se mata, fixaram morada na localidade denominada de Novo Destino.

Segundo relata Raimunda de Farias, 85 anos, (queira ver imagem 01) algumas dessas famílias moraram no Novo Destino até o dia em que secou o igarapé, principal fonte de sobrevivência do grupo. Era a família de Sinfronio Olimpico de Vilhena, a esposa Maria Joaquina Vilhena Alves e os filhos Francisco de Jesus Vilhena, Liberata Vilhena e Joana Vieira; a família de Feliciano Jósimo de Jesus Pinto, a esposa Ângela Pinto, os filhos Antonio Pinto, Francisco Pinto, Maria Paula Pinto, João Francisco Pinto, Teodoro Pinto e Manoel Rosa Pinto.

A oralidade e a memória herdada local narra que por enfrentarem dificuldades com a sobrevivência, essas famílias formaram, meados do século XIX, outro povoado, que chamaram de Paxiubal. Este povoado tinha líder o negro **Sinfronio** Olimpico de Vilhena, que teria sido escravo de um senhor que morava na localidade de Maracu, no município de Cametá, este, por castigo, teria sido mandado para a Guerra do Paraguai, de onde regressou livre e com a patente de capitão. E na condição de livre constituiu um reduto negro no qual acolhia outros negros fugidos que resistiam a escravidão.

Segundo a descrição dos mais velhos, Paxiubal tinha um formato semicircular, constituído por casas cobertas com palha de ubim; casas de farinha; barracão de festa e um arraial, onde faziam festas e reuniões.

As pessoas mais velhas de Umarizal contam a partir das histórias que ouviam de seus avós e pais, que no antigo quilombo de Paxiubal as mulheres eram responsáveis por preparar a alimentação das pessoas que viviam, cuidavam das roças de mandioca, dos filhos e fabricavam os utensílios usados no cotidiano. Enquanto os homens se ocupavam das atividades de caça, pesca e pequenas lavouras. Contam também que os primeiros habitantes de Paxiubal dormiam em redes feitas da casca da tatajuba, de Coroatá de inajazeiro e tecidas de palhas do olho do miritizeiro. Suas roupas eram feitas de fibras, como, a de curauá.

Neste povoado moravam cerca de 30 famílias que se dividiam em poucas casas, que eram cobertas com palhas de palmeiras, como ubim, sororoca e miritizeiro, sendo assoalhadas por varas, ou então possuíam chão de terra batida e emparedadas com palhas ou barro.

Segundo Pinto (2004), volta de 1920, os habitantes de Paxibal passaram a sofrer constantes ataques de indígenas da região, principalmente dos Assurini e dos Parakanã, deixaram em alerta os habitantes desta povoação, que foi abandonada

definitivamente por volta de 1930 e 1940, quando os ataques indígenas ocasionaram várias mortes em localidades vizinhas, como Joana Peres e Paritá, forçando seus habitantes a se estabelecerem nas terras que hoje pertencem a Umarizal. Na década de 50, os “ataques dos cabocos” eram tristes lembranças, bem vivas na memória dos seus habitantes, como de Dico Vilhena, que diz recordar desse episódio como “um triste sobressalto, onde morreram muitas pessoas” (PINTO, 2004, p. 83).

Neste sentido, o povoado de Umarizal tem sua origem demarcada à partir da desagregação de Paxiubal, recebeu o nome de Umarizal devido haver no local onde se instalou a nova povoação uma grande quantidade de pés de Umari ou mari.

Não se tem uma data exata de quando ocorreu a migração de Paxiubal para Umarizal, mas pelos relatos dos seus habitantes estima-se que tenha ocorrido há mais 130 anos e que a principal causa dessa migração teria sido os violentos ataques de indígena que tornou muito difícil a vida dos moradores de Paxiubal. Vistos que durante as investidas os indígenas se apossaram de objetos materiais que os descendentes de quilombolas usavam no cotidiano, como: vasilhas de barro, tipitis, peneiras, tupés e redes de dormir, sem deixar de mencionar, que em houveram caso de mortes de pessoas.

Neste sentido, os ataques indígenas ao causarem inúmeras mortes e perdas materiais despertaram sobressaltos, insegurança e medo, que resultaram no abandono de Paxiubal. Primeiramente alguns habitantes deste lugar se deslocaram para uma ilha chamada Fortaleza que fica à margem do Rio Tocantins, que se localiza em frente ao povoado de Umarizal.

Os mais velhos habitantes de Umarizal contam os ataques indígenas cessaram quando um negro da localidade de Mola, no Município de Cametá, de nome Valdemar, conhecido mais por Volta Seca, que convivia entre os descendentes de quilombolas e indígenas da região do Tocantins, se amasiou com uma indígena Assurini, e ao conseguir com a ajuda da companheira a amizade e confiança dos indígenas, estabeleceu a paz entre remanescentes de quilombolas e indígenas, extinguindo assim, os ataques indígenas.

A partir daí a pequena povoação de Umarizal aumentou e se tornou a Vila de Umarizal, onde atualmente moram muitos descendentes de negros que resistiram o processos escravistas e constituíram redutos autônomos, nos quais, além da luta por

sobrevivência, praticavam sua religiosidade, formas de trabalhos e diferentes formas de lazer e diversão, na sua maioria animadas pelas fornadas de Samba de Cacete, que trouxeram para Umarizal.

A maioria dos moradores de Umarizal sobrevivem da agricultura de subsistência, principalmente do cultivo da mandioca, assim como da pesca e do extrativismo vegetal, como o caso da castanha do Pará, coletada entre os meses de janeiro e abril. No período de Maio a julho ocorrem a preparação dos roçados, e a partir do mês de novembro à início de janeiro costuma-se fazer os plantios das roças de mandioca, arroz e milho. Há alguns passados nos meses de agosto, setembro e outubro aconteciam a colheita da maçaranduba, do timbui, da borracha da seringueira e da concha, que era extraída no rio Tocantins.

Segundo contam os mais velhos habitantes de Umarizal, na década de 1968 algumas famílias desta povoação se deslocaram para o município de Tomé-Açu, com a finalidade de trabalhar na colheita de pimenta-do-reino. A partir de 1975 este fato tornou a se repetir, quando, principalmente, homens, em sua maioria pais de famílias, saíram para trabalhar nas fazendas que se instalavam em localidades do município de Baião; Tucuruí, Pacajá, Jacundá, Portel e outras localizadas em torno da Transamazônica. Doriedson Vieira, morador de Umarizal, conta quais eram as formas de trabalhos que executavam:

Os nossos avós, meu pai e até mesmo eu trabalhamos em várias fazendas, e desde sempre trabalhamos da mesma forma, em que havia três formas de trabalho nessas fazendas, que era: O juquirão, que era a mata grossa (roçar e derrubar), que era 1.200 reis em nossa moeda atual, porque antigamente era cruzeiro o nome da moeda, fazendo uma comparação atualmente; a juquirinha, que era os matos mais finos que era 800,00 reais comparando a moeda atualmente; e a mata virgem que era a melhor, porque não pegávamos sol, era mata à dentro que no valor de 1.000,00 o alqueiro (Doriedson Vieira, 47 anos, professor e agricultor de Umarizal).

A fala de Doriedson Vieira exemplifica os tipos e condições de trabalho, aos quais eram submetidos, e que sofreram bastante nessas fazendas na expectativa de poder dar uma vida mais digna aos seus familiares. Enquanto as mulheres, em condições muito difíceis, ficavam na povoação de Umarizal cuidando dos filhos e das plantações e cultivo dos roçados de milho, arroz e mandioca.

Na década de 1992, tal realidade começa mudar. Na ocasião, o jovem Nilton Lopes de Farias, filho da Umarizal e técnico agrícola, a partir do seu envolvido em

movimentos sociais, incentivou a fundação de várias associações no município de Baião, e consequentemente na povoação de Umarizal. Estas associações tinham como objetivo incentivar a melhoria da condição de vida das famílias de Umarizal. No item a seguir será dado destaque para algumas destas associações.

2.2-A POPULAÇÃO DE UMARIZAL SE ORGANIZA EM ASSOCIAÇÕES

Pinto (2004) desta que no antigo Paxibal homens e mulheres, resistentes do processo escravistas, já se organizavam em putiruns ou convidados para fazerem suas roças de mandioca, milho e arroz. Esta forma de trabalho coletivo foi levado para a povoação de Umarizal, e por muito tempo funcionou como união de força para o encurtamento de tempo nos diferentes tipo de trabalhos, assim como, também era associado ao lazer que acontecia através do Samba de cacete, que era realizado para celebrar o encerramento de cada atividade realizada (PINTO, 2004). Pinto ressalta ainda, que atualmente não há mais em Umarizal o trabalho ritualizado através das regras do putirum ou mutirão nos moldes do passado,

“porque ‘as coisas vão mudando com o tempo, assim como as pessoas mudam também’. Porém ainda há a prática do trabalho em conjunto. O putirum ou convidado sem as pompas do passado, pois agora são organizados pelas Associações de pequenos e pequenas trabalhadores e trabalhadoras rurais” (PINTO, 2004).

E desta forma os habitantes de Umarizal foram se organizado em algumas Associações, que serão tradas a seguir.

1- A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES PRODUTORAS DE UMARIZAL

A Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal (AMPU), no município de Baião/Pará, foi fundada em 30 de dezembro de 1994, com fins econômicos e também organizativos para orientar e incentivar as mulheres da vila de Umarizal e comunidades vizinhas para buscarem soluções para problemas sociais e econômicos que afetavam a população local, e com esse objetivos permanecem até nos dias atuais, acrescida a luta por valorização cultural e na defesa pelos seus direitos.

Esta Associação contou com apoio de Nilton Lopes de Farias, que nessa época era educador do Instituto de Desenvolvimento, Educação Ambiental e Assistência Social de organização não governamental que educava os moradores da comunidade quilombola de Umarizal, juntamente com a senhora Liduína Arths, uma holandesa que trabalhava voluntariamente em parceria com a igreja Católica de Baião em campanhas de conscientização para problemas ambientais causados pela construção da Hidrelétrica de Tucuruí, que prejudicam populações camponesas e ribeirinhas da região do Tocantins, incentivando a organização para lutarem em prol de seus direitos, foi uma personagem atuante na organização da Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal, que lutava pelos interesses das mulheres no município de Baião. Dona Deumetila Vilhena narra um pouco desta luta:

Tudo começou com o apoio da dona Liduína, a gente foi tendo intimidades com ela. E depois ela casou com o Sací e através dele mais ainda. E assim ela trouxe o projeto de associação, se reunimos sete pessoas, mais marcamos e ela deixou certo pra avisar mais mulheres e assim reunimos muito mais. E daí começamos a reunir, reunir e a coisa foi. Começamos a fazer bingos para arrecadar fundos para essa entidade. (Deumetila Vilhena, 57 anos, moradora de Umarizal, entrevistada em outubro 2016).



Imagem 02: Senhora Deumetila Vilhena, 57 anos, uma das sócias e ex - presidenta da Associação das mulheres da vila de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

A partir desta associação houve muito avanço nas formas de se organizar e de trabalhar das mulheres desta localidade, ocorrendo trocas de experiências de uma para com as outras. Da mesma forma, ocorreu também o aprimoramento técnico, profissional, assistência educacional, social, e a realização de pesquisas e treinamento para a melhoria das condições de vida e produção de suas associadas. O primeiro projeto, a partir da associação já regularizada, foi voltado para casa de farinha, que, aliás, não teve muito êxito, não conseguiram manipular as máquinas, e também não vieram os materiais completos.

Posteriormente foi formulado um projeto de corte e costura, que também não teve muito êxito porque as associadas não tinham para quem vender a produção.

Outra tentativa desta associação foi a produção remédios caseiros, feitos com plantas e ervas medicinais, destinados a venda para a população local e de outras localidades do município de Baião, tendo como finalidade arrecadar fundos para associação. Esta atividade trouxe bons resultado durante muito tempo para as Associadas.

Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal também conquistou muitos benefícios em questão dos direitos junto aos órgãos públicos, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Baião, para associadas. Além de se ocupar da divulgação e venda dos produtos confeccionados pelas mulheres associadas. Da mesma forma, buscava financiamento para suas produções através de convênios com órgãos públicos e entidades privadas nacionais e internacionais.

Observa-se que esta associação trouxe resultados benéficos para algumas associadas, que conseguiram financiar junto ao Banco da Amazônia alguns projetos de plantação, como o da pimenta-do-reino, e de criação de galinha, fonte de renda que garantiu durante um bom tempo a sobrevivência das associadas, que conseguiram inclusive construir moradia digna para seus familiares. Contudo, é importante que nem todas as associadas conseguiram este financiamento, devido seus cônjuges também participar como sócio de outra associação, como por exemplo, da Associação dos Pequenos Produtores de Umarizal, e que já haviam obtido financiamento bancário.

Outra conquista da Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal (AMPU) foi as moradias para as associadas, conquistadas através do projeto Minha Casa Minha Vida do governo federal que com a ajuda do senhor Ronaldo Rodrigues morador da vila de Umarizal e também empresário na época auxiliou na vinda desse projeto para comunidade quilombola de Umarizal.



Imagem 03: Placa do projeto: **Minha Casa Minha Vida**, da Comunidade quilombola de Umarizal.

Fonte: Ronaldo Rodrigues, 2012.

Esse projeto das casinhas, O Jacó Ebal, projetista e dono de empresa chamou o prefeito municipal o senhor Nilton Lopes de Farias (popular Saci) e localizou a associação das mulheres daqui de Umarizal e preparou o projeto e mandou o engenheiro dele vim analisar a área toda e aí esse projeto ficou no papel, com tempo o Jacó Ebal, conversando comigo, dizendo que tinha esse projeto, o qual ele me daria a oportunidade pra eu poder construir essas casas nas condições da gente poder alavancar, investir pra organizar a entidade, pra poder botar ela em dia que ela estava inadimplente, botando em dia e correndo atrás dos grandes projetos e com isso eu localizei a dona Deumetila, presidente da associação das mulheres e também a dona Venina, que também teve um papel fundamental nesta associação, e alavanquei e levei todos os documentos pra Belém e paguei todas as despesas de receita federal que na época deu em torno de uns três mil reais fora as despesas e viagens. O documento da associação naquela época não estava regularizado, mas conseguimos regularizar e passamos e com isso a contadora era a dona Rosinha, eu tirei dela e coloquei na mão do doutor Moisés Santos Rabelo e com isso nós conseguimos encaminhar até a Receita Federal, fazendo o certificado digital e aí teve a eleição que veio uma ordem já depois de está em construção de lá da Caixa Econômica, quando foi pra sair o projeto, e aí eu conseguir ajuda, muitas pessoas entraram no meio, o prefeito deu uma força, o vereador Arilson ajudou, então foi com isso que o projeto saiu, mas na verdade eu fui o grande autor desse projeto pra ele poder sair, não

tive lucros, mas eu beneficieei muitas famílias que tinham vontade de ter uma boa moradia, desse projeto coletivo. O valor de cada casa foi de 8.500,00 reais, fiz parceria com outra empresa de Tucuruí chamada Cataratas do senhor Celson Mezzomo, que era terceirizada pela empresa que ganhou a licitação na qual eu era o proprietário (Ronan Engenharia Comércios e serviços LTDA.ME.) porque a Caixa Econômica Federal não adiantava o dinheiro, tivemos sim, algumas dificuldades, mas em que nós pudemos fazer até hoje, está feito. Esse projeto era de 106 unidades habitacionais e só foram construídas 57 casas por conta de que muitas pessoas acharam que a casa era muito pequena e não aceitaram e tivemos que correr atrás do projeto pra casa maior e até hoje ainda não saiu esse projeto. (Ronaldo Rodrigues de Freitas, 51 anos, proprietário da empresa Ronan Engenharia e morador da comunidade quilombola de Umarizal, entrevistado em Dezembro de 2016).

O projeto Minha Casa Minha Vida do Governo Federal foi, para tanto, uma das maiores conquistas da Associação das Mulheres de Umarizal (AMPU), pois trouxe empregos (temporários) para os comunitários, ajudou na economia local e, sobretudo, deu moradias para mais de 50 famílias da comunidade de Umarizal.

Era para ser um empreendimento de maior extensão habitacional, mas muitos problemas como estrutura e acabamento da casa diferente do qual foi apresentado para a Caixa Econômica Federal, com isso 49 casas deixaram de ser construídas, uma vez que as pessoas que seriam beneficiadas com essas habitações, não aceitaram o modelo que havia sido construído pela empresa o que comprometeu a efetivação total do Projeto Minha Casa Minha Vila de Umarizal.



Imagem 04: Ronaldo Rodrigues, 51 anos, morador de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.



Imagem 05: Raimundo Teixeira Miranda, 47 anos, atual presidente da Associação de Mini e Pequenos Produtores de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

1. A ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES DE UMARIZAL

A Associação de Mini e Pequenos Produtores Rurais de Umarizal (AMPPRU), foi fundada em 1992, tendo com o objetivo a união dos produtores para o melhor aproveitamento e valorização da produção agrícola dos mini e pequenos produtores desta região, uma vez que agrupados em forma de associação se tornaria mais fácil montar uma infraestrutura de uso coletivo para processamento de produtos, buscar algum tipo de financiamentos e fazer convênios. Um dos sócios, o senhor Calistro Renivaldo dos Santos conta como se deu a fundação desta associação:

Pra nós fundar a associação foi primeiro a iniciativa nós tivemos do Saci [Nilton Lopes de Farias]. Ele veio pra cá com nós, nessa época ele não era prefeito, mais tinha muito incentivo, começamos primeiro com uma carta pedindo pra Holanda, aí veio uma máquina de beneficiar arroz, uma dibulhadeira de café, veio uma recurso na época em 1993, na época veio mil cruzeiros pra nós fazer compra e venda, a gente comprava os produtores que aqui não tinha associação, e nós com esse recurso começamos a comprar da gente mesmo, a gente entregava o arroz e pegava o dinheiro em troca. E aí ele achou por bem nós se organizar e fundar uma associação dos produtores pra pegar projeto do Banco da Amazônia, e com isso nós reunimo pra fazer o estatuto e fazer a fundação nós tivemos que fazer várias assembleia, três assembleia gerais e aí nós convidamos os sócios, peguemos dados pessoais como era e fundamos a Associação dos Produtores. (Calistro Renivaldo dos Santos, 63 anos, morado de Umarizal, entrevista realizada em outubro de 2016).

Neste sentido, como um dos maiores objetivos era o financiamento para subsidiar o plantio e a produção da agricultura familiar, os sócios com o auxílio do senhor Nilton Lopes de Farias, recorreram ao Banco da Amazônia para através de empréstimo bancário, financiar recursos para dá suporte da produção local. Conforme evidencia Calistro Renivaldo dos Santos:

Depois de fundada com três anos, nós fizemos um projeto pro Banco da Amazônia, foi na época do açaí, em 97, começamo pegar o projeto, com três anos de fundação começamos pegar o projeto, isso a associação já tava formada, aí nós formamo ela, em 93. Aí passou mais três anos. E eu fui coordenador primeiro ano, seis meses pra fazer uma provisória, com seis meses e aí com um ano fui eleito como coordenador geral pra fazer o projeto pro Banco da Amazônia em 1997, que nós fomos contemplados com o projeto do açaí, do cupu e o coco. A partir daí apelamos pra outro projeto que foi a pimenta-do-reino refinanciamento, isso já foi em 2001 pra 2002, aí eu continuei na

coordenação, levei nove anos e seis meses na coordenação geral, seis na provisória e nove jurídico, daí pra cá nós fomos trabalhando com financia aí não deu certo e nós paramos e inclusive já chegou até carta pra gente (Calistro Renivaldo, 63 anos, morador de Umarizal, entrevista realizada em outubro de 2016).



Imagem 06: Senhor Calistro Renivaldo Azevedo dos Santos, 63 anos, morador de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

Os sócios da Associação de Mini e Pequenos Produtores Rurais de Umarizal contam que os projetos que foram financiados pelo Banco da Amazônia serviram como meio de sobrevivência destes, ou seja, a economia local na época contribuiu para que muitos agricultores conseguissem construir moradias e melhorar suas condições de vida, que de alguma forma ajudou o desenvolvimento da comunidade quilombola de Umarizal. Contudo, é importante ressaltar que destes financiamentos feitos junto ao Banco da Amazônia alguns sócios não conseguiram quitar seus débitos, contraíram assim débitos que se alastram até os dias atuais.

Os sócios estão todos inadimplentes, através dos projetos que financiamos no Banco da Amazônia, apenas um sócio quitou sua

dívida, que foi o senhor Pedro Lopes, mas ele quitou só um, não sei se ele quitou os dois, porque nós tínhamos dois projetos financiados, nós fizemos o projeto e aí fizemos um refinanciamento em cima do outro projeto que foi o da pimentado-reino que a gente plantou e deu certo durante seis anos, mas não quitamos nossas dívidas com o banco porque estava muito barato o preço da pimenta pra vender, e depois quando ficou o preço melhor o banco se negou a liberar outro projeto para assim nós pagarmos nossos débitos, enviamos o projeto para o banco, e até hoje não deram respostas (Raimundo Teixeira Miranda, 47 anos, presidente da Associação de Mini e Pequenos Produtores Rurais de Umarizal).

Observa que apesar dos financiamentos terem trazidos muitos benefícios para os sócios e também progresso local, trouxe ainda problemas, pois a maioria dos associados não conseguiu até hoje pagar seus débitos com o Banco da Amazônia, tornando esses pequenos produtores rurais inadimplentes tendo até mesmo seus cadastros restritos para efetuarem outros financiamentos.

2. A ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE UMARIZAL (ACORQBU)

A construção da identidade remanescente de quilombo, o processo de construção da identidade quilombola, se deu no final das últimas décadas do século XX, através do reconhecimento do território onde estavam estabelecidas suas comunidades ou povoações. Locais onde mantinham modos de vida, formas de trabalho, festas religiosas e modos de diversão, tradições herdadas de seus antepassados que eram repassadas por meio de histórias contadas de pai para filho, e assim criaram novos laços sócio-culturais e familiares. A luta pela posse definitiva dos remanescentes de quilombolas continua até nos dias atuais juntamente com reconhecimento de suas histórias, culturas, patrimônios materiais e imateriais, além dos direitos de fato a sua cidadania.

A constituição brasileira de 1988 garantiu aos quilombolas o direito de herdar as terras ocupadas por seus antepassados, assim como o reconhecimento da sua cultura como patrimônio cultural da nação brasileira. No artigo 68 do ato das disposições constitucionais é destacado que o governo tem o dever de entregar as comunidades quilombolas o título de propriedade de suas terras.

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado permitir-lhes os títulos respectivos” (constituição federal, 1988, p 169).

Contudo, de acordo com Treccani (2006), há uma série de medidas que devem ser tomadas para os remanescentes de quilombolas alcançar em o título definitivo de suas terras:

“O relatório técnico começará com o levantamento de informações cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas e históricas, constantes em depoimento dos quilombolas, documentos produzidos por órgão oficiais ou por todos aqueles que podem ajudar a caracterizar este território. Nele deveram constar a planta e memorial descritivo do perímetro do território; o cadastro das famílias remanescentes de comunidades de quilombos, especificando a atividade de produção principal, comercial e de subsistência; e o cadastro dos eventuais demais ocupantes e dos presumíveis proprietários de terra incidentes no território pleiteado” (TRECCANI, 2006)

No caso da comunidade remanescente de quilombo de Umarizal, segundo Narciso Vieira Ramos, a conquista do território se deu a partir da fundação da Associação de Remanescente de Quilombos de Umarizal (ACORQBU):

“O primeiro passo a ser dado foi a de nos atualizar e saber o que é ser quilombola e qual é vantagem e desvantagem de ter uma terra coletiva e qual seria o benefício que pode trazer pra comunidade. A partir do que foi feito vários encontros reuniões em Belém, criações de decretos, nós partimos para fundação da associação. Pois fomos informados que só poderia enviar uma solicitação uma pessoa jurídica e nesse caso tivemos que criar a associação. Antes da fundação da associação foi feito um requerimento em nome do sindicato dos trabalhadores rurais de Baião, requerendo toda área daquele momento, começar evitar as grilagem de terra dentro da área de Umarizal, que envolvem cinco comunidades; Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Florestão e Paritá-Miri. Na verdade foi envolvida todas essas comunidades através de um levantamento antropológico desenvolvido pelo NAEA, na pessoa da professora Edina [Castro] com sua equipe vieram pra cá foram visitar todas as famílias e aqui continuaram fazendo os cadastramento. Nesse momento todas famílias foram cadastradas, aceitando ou não ser quilombola todas as famílias foram cadastrados hoje existe uma polemica sobre ser sócio e ser cadastrado, pois para ser cadastrado não precisa ter idade desde seu nascimento já se pode ser cadastrado e pra se tornar sócio o estatuto garante que com 14 anos já pode ser sócio com direitos a carteirinha e com 16 já passo a ser contribuinte com direito ao voto mais sem direitos de ser votado, só a partir dos 18 anos passa ter direitos a tudo” (Narciso Vieira Ramos, 65 Anos, morador de Umarizal e atual presidente da Associação Remanescente de Quilombos de Umarizal).

Nesse sentido, os descendentes de quilombolas de Umarizal Beira, juntamente os de outras localidades, como: Umarizal centro, Boa Vista, Florestão e Paritá- Mirí, formaram a Associação de Remanescente de Quilombos de Umarizal. Esta associação foi fundada em 12 de outubro de 1999 (queira ver imagem 01, Sede desta associação), a partir das iniciativas das lideranças dessas comunidades, que permanecem até os dias atuais reivindicando junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o ITERPA (Instituto de Terra do Para) e ao governo do estado o título definitivo de posse de suas terras, como terra de remanescente de quilombolas. Percebe-se que a luta que hoje os quilombolas travam para terem seus direitos territoriais vem mostrar o fracasso do estado em reconhecer esses direitos já garantido na constituição brasileira de 1988.

Observamos desta forma, que esse reconhecimento não se dá de maneira fácil, pois há muitos interesses envolvidos que impedem o processo de titulação e posse definitiva, embora esteja garantida em lei. Como é visível na fala do senhor Narciso Vieira Ramos, atual presidente da Associação de Remanescente de Quilombos de Umarizal:

“O grande motivo de nós não estar com nosso título em mãos é justamente os conflitos, pois a nossa área é uma área abrangente, o nossa briga vem desde 1991. Eu lembro muito bem que no dia 11 de novembro de 1991 eu fui procurado pelo Fermínio, pra encaminhar uma luta em favor dos poceiros que na época agente os chamava de poceiros do Cumbuca, eles eram uns quantos. Lá estava seu Sezimundo, conhecido como Mundiquinho, começou a dizer que as terras eram dele, eles negociaram com Missanto fiel e madeireiro pra fazer a estrada pra ele, quando a estrada estava pronta entrou esse senhor e envolveram IBAMA, políticos contra eles. Foi nesse momento que algumas pessoas vieram comigo, eu não me conformei com a situação, nos fomos até o ITERPA, por quer pra mim a terra tem que ser determinada pelo ITERPA, por ser o órgão máximo sobre as questões fundiárias no estado, e conseguimos ganhar a questão. Nessas alturas pra mim ficou claro que o setor Florestão era terras do estado, e a Dr. Vera Tavares que era a nossa advogada na época pediu que a comunidade ocupasse imediatamente área, eu vim reunir com o pessoal e ninguém quis ocupar, foi quando o seu Mundiquinho tomou posse da terra, ele vendeu outra vez, ou seja, essa área já foi vendida tantas e tantas vezes, até que ultimamente foi vendida para o Carlos, justamente quando estávamos trabalhando já a questão da titulação via associação, em 1999 a 2000, estaria iniciando um conflito considerando, até que nessa época só houve esse conflitos, era justamente por causa da madeira e hoje nós não temos mais madeira, tiraram doado, tiraram vendido, tiraram roubado, o certo que acabaram tudo, hoje eu vejo que iremos eliminar esses conflitos e consequentemente conseguiremos a titulação”

(Narciso Vieira Ramos, 65 Anos, morador de Umarizal e atual presidente da Associação Remanescente de Quilombos de Umarizal).



Imagem 07: Sede da Associação das Comunidades Remanescente dos Quilombos de Umarizal ACORQBU. Fonte: SANTOS, 2016.

Durante a pesquisa que originou este estudo tive a oportunidade de observar algumas atividades que são executados pelos sócios da ACORQBU, na comunidade de Umarizal, as quais não se restringem somente na legalização das terras, seus sócios também lutam por melhorias educacionais nestas comunidades, havendo inclusive propostas de assembleias envolvendo todos os sócios, a fim de tomaram decisões direcionadas ao bem estar econômico e socioculturais das povoações remanescentes de quilombolas envolvidas nesta associação. É através de formas como estas que os remanescentes de quilombolas conseguem respostas adequadas aos seus anseios, assim como, buscam explicação para o fato de até esse momento ainda não terem conseguido respostas a respeito da legalização e posse definitiva de suas terras, ou seja, porque ainda não conseguiram o título definitivo da área remanescente de quilombola, cujas terras pertencem aos povoados que fazem partir da associação.

Vale ressaltar que desde a data de sua fundação até os dias atuais a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Florestão, Boa Vista e Paritá-Miri, já passou por diversas eleições para eleger um presidente para representar os seus sócios. Em 1999 o primeiro presidente Narciso Vieira Ramos, onde essa coordenação durou pouco tempo devido alguns conflitos internos nesta associação, que ocasionou a renúncia deste presidente. O senhor Amadeu Vieira foi o segundo presidente da associação, o qual assumiu aclamado em assembleia geral, dando continuidade ao processo de titulação com demarcação da área.

Em julho de 2000, através de eleição, o Sr. Amadeu Vieira se tornou presidente eleito da ACORQBU. Entre os anos de 2007 a 2010 o Sr. Carlisto Renivaldo dos Santos, foi o terceiro presidente desta associação. A partir de 2011 até os dias de hoje, Sr. Narciso Vieira Ramos exerce a presidência da Associação de Remanescente de Quilombos de Umarizal, estando a frente de todos os projetos desenvolvidos pela referida associação.

Diante dos trabalhos desenvolvidos por todos os presidentes que passaram pela ACORQBU, é salutar compreendermos a relação dos remanescentes de quilombolas com a terra, um elemento da identidade traçado na dinâmica de vida e na relação estabelecida através do cultivo da terra, da criação de animais e do plantio das roças e de pequenas hortas, que se intercalam entre o tempo de plantar e o de colher. Nessa perspectiva, desenvolve-se um modo específico de pensar e fazer os sonhos desses indivíduos, se impõe a compreensão das relações existente no dia-dia das pessoas com a terra, com a cultura, com o sagrado e com as diversas formas de organização.

Dessa forma, podemos perceber que os habitantes da comunidade remanescente de quilombo de Umarizal se apresentam hoje em face da questão da terra e do trabalho, resistindo para que seu território seja preservado, e que nele possam desenvolver seus trabalhos, suas diferentes formas de associabilidades, e que tenham possibilidades de preservar vestígios da seus trajetórias históricas, seus valores culturais em defesa de suas identidades negras e quilombolas. Tomara que consigam logo elementos que possibilitem a conquista de seu território e que tenham sucesso no seu modo de vida.

2.3 – ASPECTOS ECONÔMICO E EDUCACIONAL DE UMARIZAL

Atualmente a economia dos habitantes de Umarizal vem agricultura, mediante as roças de mandioca, arroz e milho; da pesca; do pequeno comércio; e do trabalho de barqueiros, que se encarregam do transporte das pessoas. Tais rendas são complementadas com os benefícios vindos dos programas sociais do Governo Federal, como: bolsa família. Há ainda um numero considerável de Funcionários públicos, aposentados e pensionistas.

Umarizal dá ênfase considerável no que se refere a educação escolar, pois possui duas escolas de ensino fundamental e médio, que atende um grande contingente de crianças, jovens e adultos, que se envolvem no processo de ensino-aprendizagem.

A tradição educacional da Vila de Umarizal vem desde os primórdios de sua formação, quando sempre existiram pessoas, que de certa forma se disponham com competência e responsabilidade para ensinar, fazendo com que pessoas de localidades vizinhas se deslocassem para Umarizal, em busca de ensino para seus filhos.

O Sr. Manoel Sampaio, foi o primeiro professor da Vila de Umarizal, ensinou por muito tempo. A primeira escola na Vila de Umarizal foi criada no ano de 1965, sendo autorizada a funcionar através da portaria 558/02CEE, em 1968.

com o nome Escola Reunida de Umarizal, que em homenagem ao 1º professor desta povoação, recebeu o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Sampaio (queira ver imagem 03). Segundo conta o senhor Pedro Lopes:

Antes de mim, houveram vários diretores, mas não documentado, só tomavam conta da escola, mas diretor nomeado com portaria fui eu, mas na verdade a escola daqui de Umarizal foi registrada primeiramente como Escola Estadual de Umarizal, posteriormente como Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal, enquanto ao nome Manoel Sampaio era só pra simbolizar e homenagear por ele ter sido o primeiro professor que lecionou aqui em Umarizal, como também Deolindo Melo e Altamira Lemos, todos foram uma questão de homenagem, mas em documento está registrado como Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal. Fui diretor por vários anos, depois de mim, vieram Antenor, Hélio, Doriedson e atualmente a Jusivanda. (Pedro de Farias Lopes, 80 anos, ex-diretor e professor aposentado. Morador da Vila de Umarizal).



Imagem 08: Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal (Manoel Sampaio). Atualmente desativada. Fonte: SANTOS, 2016.

Posteriormente foi retirado o nome Manoel Sampaio desta escola, que passou a ser denominada de Escola de 1º Grau de Umarizal, e atualmente é designada de Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal, a qual era dividida em 03 prédios, cujo a distancia entre eles eram de 200 metros (queira ver imagens 02,03,04).

Atualmente a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal, situa-se à rua 09 de março, bairro Castanhal, possui 403 alunos regularmente matriculados no ensino fundamental (1º ao 9º ano) e EJA (Educação de Jovens e Adultos) 3ª e 4ª Etapa. Distribuídos em 18 turmas, sendo 07 turmas, pelo turno da manhã, 09 turmas pelo turno da tarde e 02 da EJA pelo turno da noite.

A Educação Infantil “O Sorriso da Criança”, que funciona no prédio Deolindo Melo (queira ver imagem 08), possui 05 turmas, que estudam no turno da manhã, somando um total de 72 alunos. Também o Ensino Médio funciona no mesmo prédio, em que possui 03 turmas e estudam no turno da noite.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal é dividida em 02 prédios. Um possui 06 salas de aula e o outro 05 salas somando no total de 11 salas, as

quais são insuficientes, haja vista que existem turmas que estudam na sala de leitura e na sala de informática.

É importante mencionar que os prédios escolares de Umarizal foram construídos em alvenaria, em terreno seco. Um dos prédios intitula-se Escola Polo, e contém a seguinte infraestrutura: 06 salas de aula, 01 sala de professores, 01 sala técnico pedagógico, 01 sala de vídeo, 01 sala de laboratório de informática, 01 sala de diretor, 01 sala de vice-diretor, 01 secretaria, 01 dispensa, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 biblioteca, 01 quadra de esportes, 01 bloco de banheiro masculino, 01 bloco de banheiro feminino, 01 banheiro na sala do diretor, 01 banheiro na sala do vice-diretor, 01 banheiro na secretaria, 01 banheiro na sala dos professores, 01 sala de grêmio, 01 sala de educação física, 01 sala de arquivo, 01 caixa d'água de 10.000 litros, 01 poço artesiano, 01 bomba d'água, 02 banheiros para funcionário em geral.



Imagem 09 : Escola Polo de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016



Imagem 10: Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal(Deolindo Melo). Fonte: SANTOS, 2016.

No outro prédio localizado à rua São Raimundo, há apenas uma sala de administração a qual funciona como: sala de administração, secretaria, sala de vídeo e depósito de livros. Existe uma despensa, 01 cozinha, 02 banheiros que são insuficientes para o número de usuários. Este prédio precisa de reparos e pinturas. Há merenda escolar regionalizada fornecida pelo Governo Federal através do PNAEQ (Programa Nacional de Alimentação Escolar Quilombola), por se tratar conforme já foi citado, de uma Comunidade Remanescente de Quilombo.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal dispõe de um quadro funcional de: 01 diretora; 01 vice-diretora; 01 secretário; 28 professores; 01 coordenadora de Educação Infantil; 03 auxiliares de secretaria; vigias e 25 serventes/merendeiras. Vale ressaltar que nos prédios das referidas escolas funcionam a Educação Infantil “O Sorriso da Criança” e o “Ensino Médio Modular”.

Alguns alunos vêm das comunidades vizinhas os quais utilizam transportes escolares: ônibus e barcos.

E ainda têm duas escolas em construções: uma de Pró- Infância e outra escola técnica.



Imagem 11: Construção da Escola Pró-Infância da Comunidade Quilombola de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.



Imagem 12: Construção da Escola Técnica de Umarizal-Baião-Pará. Fonte: SANTOS, 2016.

Vale ressaltar que a educação na vila de Umarizal tem perspectiva de avanço futuramente. Como o esporte está presente também na educação, já existe uma praça de esportes, que está concluída, onde os alunos podem fazer exercícios físicos e outros.



Imagem 13: Quadra de esportes Comunitária da vila de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.



Imagem 14: Quadra de esportes escolar. Fonte: SANTOS, 2016.

Através da educação muitos alunos tiveram a consciência de elaborar um projeto para a preservação de uma área de 800x800m, de reserva de castanhal denominado castanhalzinho, preservando assim, o meio ambiente. Atualmente essa área de preservação contribui de forma significativa para subsistência de muitos moradores da comunidade de Umarizal (queira ver imagem 15):



Imagem 15: Área de preservação de Castanheiras da vila de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

Sabe-se que este projeto até os dias atuais, está sendo muito importante, para os moradores da comunidade quilombola de Umarizal, pois além de ser fonte de sustento para as pessoas da referida comunidade, é um projeto que vem dando certo atualmente, com a colaboração dos representantes desse projeto que muito lutam pra mantê-lo preservado.

**CAPÍTULO III- SAMBA DE CACETE: DANÇA, MÚSICA,
ORALIDADE E INFLUENCIA CULTURAL NA REGIÃO
DO TOCANTINS NO PARÁ**

3.1-SAMBA DE CACETE: HERANÇA CULTURAL DA RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO TOCANTINS

O samba de cacete é uma cultura da Vila de Umarizal, Município de Baião – Pará. Esta dança teve sua origem no quilombo de Paxiubal Por volta de 1811 com a festa da nossa Senhora do Rosário, que era padroeira na época. Durante a novena desta santa acontecia o Samba de Nossa Senhora, onde a população desta pequena povoação se divertia. Ressalta-se que o samba de cacete durante este período festivo e no plantio de roças. Pinto afirma que as festas dos santos padroeiros dos povoados negros rurais da região do Tocantins,

eram verdadeiros momentos apoteóticos. Nessas ocasiões havia mastros enfeitados com flores, ervas cheirosas e frutos que demarcavam o início da festança com os toques dos tambores rústicos do samba de cacete, cujos ecos rasgavam mata adentro avisando aos negros e convidando-os. O Samba e seus tambores, além de reunir para fins religiosos a população negra dessa região convidavam para a comunhão do trabalho coletivo, enfim, avisavam e produziam sons ritualísticos de religiosidade, faina diária, nascimentos, casamentos e mortes. Insurgiam memórias, lembranças dolorosas da escravidão e das diferentes estratégias de resistência adotadas por negros diante do processo escravista brasileiro (PINTO, 2006, p. 274).

Desta forma, praticado durante os momentos de festas e de trabalhos o Samba de Cacete reunia a população negra da região para celebrar, resistir e repassar o legado cultural da população negra da região do Tocantins para as gerações futuras.

Samba de cacete é uma dança cultural de origem raiz negra, que tomou conta adequação geográfica na região do baixo Tocantins, pela história de várias culturas, envolvendo traços culturais do povo da região amazônica dança essa que expressa seus sofrimentos e dor, seus gingados pela sua força braçal, sua melodia pelo desabafo, seu namoro ou romance pela poesia, com essas criatividades que atraem muitos artistas e pesquisadores de todo Brasil para escrever a história da dança quilombola. **(PINTO, 2010).**

Sendo assim, vale ressaltar o ritual da dança do samba de cacete e seus cantos e melodias.

Na dança do samba de cacete, existe diferença de uma comunidade para outra, seus gingados, melodias, suas vestimentas e instrumentos. Na comunidade quilombola de Umarizal, os tambores são feito de tronco de madeira oca de Cupiuba, com metragem de

1,20 cm com couro de veado vermelho e os cacete de pedaço de madeira forte como Massaranduba e Cumaru. Os movimentos dos batuques dos tambores e caceteiros mostram também os gingados dos quilombolas de forma adequada conforme as músicas tocadas. Na hora que as mulheres estão dançando, elas giram com o corpo ao redor do parceiro, balançando o corpo todo subindo e descendo, que simboliza o momento do plantio da roça aproximando e afastando do homem geralmente quando isso acontece e quando o cavalheiro tem que ir gestualizando conforme a letra da música. Ressalta-se ainda que tem a função de organização da festança no grupo os homens começam a música e as mulheres respondem que dentro do grupo é chamado de refrão. A participação menos efetiva nesta prática, são dos homens que na hora da dança do samba na sua totalidade, tanto de forma discursiva como também na vivência de se dançar. Relata senhor Doriedson Lopes Vieira, 47 anos, batedor e compositor de músicas no samba de cacete.

O traje dos homens inspirados nas roupas simples de escravos no período pré-abolição, vestem camisa estampadas, do mesmo tecido das saias das damas, sua calça, sem opção alguma nem de cor e modelo.

Os cavalheiros dançam girando ao ritmo da música, equilibrando-se, abeirando-se até chegar junto das damas isso na linguagem quilombola é chamado de caiana, tantos os homens como as mulheres fazem um para o outro, hoje já são poucas as pessoas que dançam descalços e os integrantes atuantes mais idosos dançam no ritmo mais compassado e descalços. E no momento da dança que os batedores sentam-se em número de dois na frente no tambor e o outro batendo do cacete atrás do tambor.

Os habitantes de Umarizal entrevistados contam a partir das memórias herdadas dos seus antepassados, que por volta de 1884 havia os mestres de samba, que organizavam as rodadas de Samba de Cacete e que tinham suas respectivas funções nesta Prática Cultural, como: Antônio Pinto, era o mestre de tambor; Ermínia Pinheiro, além de mestra de tambor, era cantora; Manoel Rosa, era mestre de cacete; Ti Odoro Azevedo era mestre de cacete; Maria Emília era cantora.

Atualmente o Samba de Cacete de Umarizal é praticado através do Grupo Recordação de Umarizal Samba de Cacete, que é constituído por de 60 pessoas, todos são habitantes das comunidades remanescentes de quilombolas do município de Baião-PA, como por exemplo: Manoel Camilo que além de mestre de tambor é cantor; Doriedson Vieira que é mestre de cacete; Marcos Cruz Serrão exerce a função de mestre

de cacete; Francivaldo Cruz Araújo é mestre de tambor; Panfilo Machado é mestre de tambor e cantor. Os demais exercem as funções de cantores (as) e dançarinos (as), como: Ermiraci, Deusalina, Joana Jonete, Claudia Vieira, Anastácia, Candinha, Eugenia, Eulalia, Jardelino, Vivaldo, Ermita, Agripino, Maria Marta, Terezinha, Raimunda Serrão, Maria Jacinete, Maria Josinete, Maria de Jesus, Nilda, Vandira, Jacirema, Osmarina, Fátima, Carlistro, Mailza, Luiz Paulo, Marcio, Gleidson, Marcelo Vieira, Jean, Raimunda Chaves, Deumetila, Sermirames, Zenobia, Adão Vieira, Clauderina, Izarlene, Rosilene, Neriene, Letícia Samara, Romário, Lucidia, Bruno, Deunata, Adalice, Corina, Onorina, Maria de Nazaré, Nalva, Jandira Vilhena, Janilson, Marinildo.



Imagem 16: **Grupo Recordação de Umarizal Samba de Cacete desde 1884.** Fonte: Regimento do samba de cacete.

O objetivo deste grupo de Samba de Cacete é o resgatar a cultura quilombola, garantindo a sua preservação e valorização. É coordenado por uma comissão organizadora e os seus integrantes obedecem os critérios do regimento deste grupo de Samba de Cacete para poder fazer parte do grupo, conforme se observa a seguir:

REGIMENTO DO GRUPO DE SAMBA RECORDAÇÃO DE UMARIZAL

QUEM PODERÁ FAZER PARTE DO GRUPO DE SAMBA DE CACETE?

- Só poderão fazer parte do grupo de Samba de Cacete o Remanescente de Quilombo interessado em resgatar e preservar a cultura de seu povo.

DIREITOS DO INTEGRANTE DO SAMBA

- 1 - O integrante do grupo de Samba de Cacete deverá se inscrever pagando uma taxa de R\$ exceto o de menor de 18 anos;
- 2 - O membro do grupo deverá ser tratado com respeito e compreensão;
- 3 - O integrante deverá participar das atividades do grupo;
- 4 - O integrante deverá tomar conhecimento das atividades através das reuniões;
- 5 - O membro do grupo de samba de cacete terá o direito de receber a vestimenta destinada para dança;
- 6 - O integrante poderá dar sugestões que vise à melhoria do grupo.

DEVERES DOS INTEGRANTES DO SAMBA

- 1-Manter atitude correta e educada honrando o seu nome e o nome do grupo dando valor e obedecendo a proposta do mesmo;
- 2 – Ser assíduo e pontual e apresentar-se devidamente vestido de acordo com o traje escolhido para cada apresentação;
- 3- Tratar com respeito todas as pessoas com quem convivem no grupo;
- 4- Zelar pelo patrimônio e seu próprio material;
- 5- Contribuir para a organização do Samba de Cacete;
- 6– É expressamente proibido a qualquer integrante tirar o traje durante as apresentações e dar para outra pessoa, principalmente que não faça parte do grupo;
- 7 – O integrante indisciplinado estará passivo das seguintes penalidades:
 - **ADVERTENCIA**
 - **SUSPENSÃO**
 - **EXCLUSÃO**

A partir deste regimento observa-se que no aspecto cultural de Umarizal sobressai o **Samba de Cacete**, cultura esta herdada dos ancestrais quilombolas. Assim como, as festas de santos padroeiros, tendo como destaque o Círio da Santíssima Trindade; a Semana Estudantil; as Festas Juninas; as cantigas de Roda; as historias de encantamento como a Lenda da Cobra Norato, do Boto, Matinta Pereira, Lobisomem. Além do uso de plantas medicinais e banhas de animais.

2.2. A LINGUAGEM POPULAR NO CANTO QUILOMBOLA

Considerando a música como um gênero importante para comunicação humana e sendo um elemento vinculado à vida social e cultural do indivíduo, susceptível de funcionar como macro referência, torna-se possível medir por meio da linguagem musical a intensidade da contribuição do negro como expressão da sua influência no pensamento e na vida do povo brasileiro. (RODRIGUES, 2012)

O Samba de Cacete é uma prática cultural encontrada nas povoações remanescentes de antigos quilombolas da região. Embora cada povoação tenha sua forma particular de realização, os tambores, o ritmo, as letras e o modo de dançar são semelhantes. É uma espécie de batucada com participação de todos os presentes naquele momento, vem da improvisação, onde as músicas surgem livremente no momento, ou, então, canta-se as já tradicionais, passadas de uma geração para outra (PINTO, 2013).

Segundo analisa Pinto (2013), recebe o nome de Samba de Cacete porque os únicos instrumentos musicais são dois tambores, ou tambouros, como também é comumente denominado na região, de aproximadamente um metro e meio de comprimento, feitos pelos próprios habitantes das povoações negras rurais a partir de troncos ocos de árvores resistentes, como jareua, acapu, maçaranduba e cupiuba, os quais são ritualisticamente escavados no interior, tendo em uma das extremidades um pedaço de couro amarrado com cipó ou corda de curuanã, além de quatro cacetinhos de madeira (PINTO, 2013).

No momento do samba sentam-se em cima de cada tambor dois batedores, também chamados de tamborineiros ou caceteiros, que ficam de costas um para o outro. Aqueles que ficam do lado que tem o couro batucam com as mãos e os que ficam na outra extremidade batem com os cacetinhos. Os batedores cantam as estrofes das músicas enquanto os dançarinos e as dançarinas, em tons unissonantes, fazem o coro (PINTO, 2013).

Observa desta forma, que tendo a essencialidade o oral, através de canções, ditos populares, rezas, anedotas, mitos, contos, além de outros, que são repassados de uma geração para outra nas povoações remanescentes de quilombolas, não são produtos incólumes disponíveis em uma prateleira, os quais podem ser escolhidos. Ao terem a sua forma de transmissão a oralidade para que se atualizem e se manifestem, precisam do momento, da contingência, que irá influir na sua manifestação, pois é o momento que determina, em grande parte, para que e como é narrado (ALBERTI, 2005, p. 17-18).

Na perspectiva de destacar a linguagem utilizada no Samba de Cacete, destaca-se a seguir algumas letras de canções cantadas nas festas onde ocorrem o referido samba, exemplificando seus significados:

QUEDÊ O DONO DO SAMBA

Cantam os homens: Quedê o dono do samba, por ele pergunto eu ê ê ê ô (BIS).

Cantam as mulheres: Quedê a nossa cachaça que ele nos prometeu ê ê ê ô (BIS).

As pessoas entrevistadas no decorrer da pesquisa contam que música Quedê o Dono do Samba era cantada no início da festa, como forma de descanso e lazer, assim como servia para animar os trabalhadores por ocasião do trabalho para que mantivessem a força e vontade de desempenhar o árduo trabalho no dia seguinte. E assim o samba se tornava também rotineiro no início e final das etapas dos trabalhos, principalmente na feitura e plantio das roças de mandioca. Sendo que a linguagem repercute de acordo com o modo os ancestrais quilombolas falavam, e que até hoje ainda falam os seus descendentes. Sem deixar de mencionar que as letras das músicas do Samba de Cacete narram as formas de convivência de tempos atrás, cuja repercussão ainda se observa nos dias atuais, conforme narra o senhor Panfilo Machado:

Antes não era em conjunto como é agora, eu brinco samba desde criança, quando eu morava no Putirí, município de Mocajuba, depois eu vim morar pra cá pro Umarizal. Lá no Paxibal nós começava brincar quando nós chegava do roçado, aí foi, foi, que nós fizemos um barracão, nós passava a semana inteira pra lá e também os finais de semana era festa todo dia. Eu tinha um parceiro que era muito infuêdo pro samba, o companheiro Navalha, a gente brincava lá no Paxibal. A música: mas a dona Laura vai se casar é com o filho do rei chamado general. “Ela é bonita, ela sabe dançar e ela tem ciúme e se põe a chorar” que eu criei contando a história da minha comadre lá no Putirí, ela arrumou um noivo e ele foi embora pra Marabá, ela não casou com ele, e ela se apaixonou e começou a chorar. Eu tenho outra música: “Lá vem o carro carroça carregadinho de bagagem, essa mocinha de agora só carrega pavulagem”. Conta a história de uma irmã que eu tenho lá em Mocajuba, aí eu fui pra lá, aí ela tem uma filha sabe, aí nós tava esperando um carro lá na cidade pra nós vim pra aí pro interior, aí no Tauaré de onde ela mora, tava e vinha um carro velho lá tudo cheio de bagulho, pau velho, aí a menina não quis ir, a filha dela, não peguemos o carro porque ela não quis ir, aí ela fui pro samba de novo. A outra música “Eu vi Manuel eu vi, eu vi roncar no mar a barca suspendeu bandeira Manuel, a maré tá preamar á, á, á, á. Eu não sou mestre de samba e nem também sou professor, e agora que estou sentado na cara

desse tambor ô, ô, ô. Eu vi Manuel eu vi, eu vi roncar no mar a barca suspendeu bandeira Manuel, a maré tá preamar á, á, á. Eu vou, eu vou embora, segunda-feira que vem quem não me conhece chora, ainda mais quem me quer bem”. Esse Manuel era um irmão meu, quando fui um dia fomo apanhar cacau, e lá de frente de onde nós morava tinha um velho que quando ele durmia ele runcava, mas ele runcava forte e ia nós ia passando ele tava um roncadeiro pra lá, e água tava querendo preamar aí eu fiz essa música. A música rainha do samba: “O galou cantou, raia do dia, a rainha do samba é a Santa Maria. É a Santa Maria é a Santa Maria é a rainha do samba é a Santa Maria”. A rainha do samba foi um senhor lá de Pampolônia, ele veio pra cá uma vez, uma viagem e o pessoal dançando, ele bate tambor também, aí a dona Rosa que era mulher do finado Calão, que já morreram todos dois, que dançavam todos dois, aí ele disse como esses pessoas dançam igual uma rainha, aí eu fiz essa música e um meio de adorar a Santa Maria também. E tudo que acontecia na minha vida eu colocava no samba (Panfilo Machado, 85 anos, morador de Umarizal).



Imagem 17: Senhor Panfilo Machado aos 85 anos, morador da vila de Umarizal. Fonte: SANTOS, 2016.

Observa-se, a partir da narração do senhor Panfilo Machado, que o Samba de Cacete é de suma importância para os habitantes da comunidade Remanescentes de Quilombola de Umarizal, especialmente para os mais antigos, uma vez que se evidenciam suas histórias de vida nas letras, nos ritmos e nas melodias presentes na música dessa prática cultural, além mais dar ênfase à ancestralidade, tradição e costume. Sem deixar de falar na forma de linguagem que era utilizada cotidianamente.

Eu dancei samba de cacete desde criança, com 12 anos, nós se reunia na casa do Pidico, muitas pessoas se reuniam lá pra dançar. Aí vinha gente de todo lugar pra ver nós dançar, depois convidavam nós pra dançar no outro lugar, nós fumo pro Jonas Peres, quando nós chegamo lá, tinha muito puvo esperando nós lá, e nós dançamo desda hora que chegamo lá de nuitinha até de manhã. Era muito bom depois que nós terminava de plantar a roça nós dançava samba, tudo era motivo de nós dançar, lembro que dava muita gente, minha mãe também dançava a noite inteira. E até hoje eu ainda danço (Anastácia Ramos, 88 anos, moradora de Umarizal).



Imagem 18: Dona Anastácia Ramos, 88 anos, dançarina do Samba de cacete e moradora da comunidade quilombola de Umarizal-Baião-Pará. Fonte: SANTOS, 2016.



Imagem 19: Dona Teresinha Lopes Vieira 76 anos, moradora da vila de Umarizal.
Fonte: SANTOS, 2016.

A fala de dona Anastácia Ramos (queira ver imagem18) exemplifica muito bem, que o Samba de Cacete representa a memória pulsante e viva de antigos quilombolas e seus descendentes, que muito sofreram, resistiram e se divertiam, e que hoje ainda manifesta prazer, diversão e demarcação de identidades nas pessoas que vivem em Umarizal e naquelas o visitam e se encantam com esta prática cultural.

Comecei dançar samba, que eu me lembro com meus pais aí no Paxibá, eu vi esses mais velhos dançarem, quando a gente chegava lá na roça cantava aquelas cantiga Santíssima Trindade, Lavadeira da Cidade, e o dono do convidado dava bebida, dava comida, quando terminava o plantio nós começava dançar. A música: “A minha mãe seu filho vai embora, e se despede com uma dor no coração. A saudade que eu levo desta terra é do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos”. Essa música era sempre cantada depois que terminava o convidado, na despedida dos pessoais. Essa cantiga é uma das mais

velha da dona Porfíria. (Terezinha Lopes Vieira, 76 anos, moradora de Umarizal).

Dona Terezinha Lopes, narra histórias de outros tempos que se mesclam como dias atuais, pois as letras da música o Samba de Cacete retrata o cotidiano, a realidade vivida, conforme é possível observa nas letras das músicas a seguir:

NÃO ME CORTE A CANA VERDE

Cantam os homens: Ai não me corte a cana verde deixa madurar.

Não mexa filha alheia, deixa mãe criar.

Cantam as mulheres: Deixa mãe criar, deixa mãe criar, não mexa a filha alheia, deixa mãe criar (Pofira Vieira).

É perceptível que a letra da música **Não me Corte a Cana Verde** retrata à questão da pedofilia por meio da música subentendida, no caso da cana verde seria a criança, que deveria ser criada, demarcando assim a sua tenra idade que ainda dispensa cuidados da mãe e que portanto deve ser respeitada.

A MINHA MÃE SEU FILHO VAI EMBORA

Cantam os homens: A minha mãe seu filho vai embora, e se despede com uma dor no coração.

Cantam as mulheres: A saudade que eu levo desta terra é do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos (POFIRA VIEIRA).

.

Observa-se que a música A Minha Mãe Seu Filho Vai Embora foi composta pelos antigos quilombolas para demarcar o fim do plantio das roças de mandioca, milho e arroz, como forma de despedida dos trabalhos, cuja letra que vem sendo adaptada no decorrer dos anos. Pois, se observa posteriormente passou a ser cantada para extravasar a dor de deixar seus entes queridos, familiares, pais, irmãos, filhos no povoado quilombola para trabalhar nas grandes fazendas. Da mesma forma, quando os filhos tinham que sair para ir estudar em outro lugar, pois na comunidade de Umarizal só havia estudos até o 6º ano (antigamente 5ª série), e que até hoje isso ainda repercute, mesmo depois de ter muito avançado, mas para obter mais conhecimento mundo a fora algumas pessoas da referida comunidade se destacam para outras cidades e até mesmo outros estados em busca de uma vida melhor para assim retornar trazendo benefícios para a comunidade remanescente de quilombo de Umarizal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade, linguagem, assim como, religião, conhecimentos técnicos, agrícolas, valores, costumes da vida cotidiana e hábitos alimentares são aspectos evidentes da contribuição cultural dos africanos trazidos para o Brasil. Portanto, fazem parte da bagagem cultural que os negros escravizados trouxeram consigo para a formação do povo brasileiro (RODRIGUES, 2012).

Partindo destes pressupostos, me propôs investigar neste estudo a importância da oralidade popular a partir do Samba de Cacete e a sua importância para os habitantes da comunidade Remanescentes de Quilombola de Umarizal, no Município de Baião/PA. Tentei identificar a potencialidade oral dos descendentes de quilombos desta povoação, que é expressa e representada no Samba de Cacete, especialmente através de suas músicas, com seus respectivos significados, enfatizando traços culturais de resistência e identidade negra.

Em Umarizal o Samba de Cacete, assim como nos demais povoados remanescentes de quilombolas da região do Tocantins, é uma manifestação muito antiga, com mais dois séculos de existência. O mesmo é bastante peculiar nas festas realizadas na povoação em estudo. É uma dança muito animada onde os componentes dançam alegremente cantando músicas com ritmos muito animados.

As letras das canções das músicas do Samba de Cacete retratam o cotidiano dos moradores conforme sua época, através da qual contam suas alegrias e tristezas. Apesar de serem canções ainda pouco conhecidas externamente aos povoados remanescentes de quilombolas, no seu interior as músicas e danças são apreciadas e reconhecidas como potencialidade oral dos remanescentes de quilombolas, como é o caso de Umarizal.

Em Umarizal existe o Grupo de Samba Recordação de Umarizal organizado e formado por jovens e idosos, cujo objetivo principal é integrar pessoas para dançar o Samba, aprender suas músicas e compor músicas atuais para que haja a continuidade da cultura do Samba de Cacete.

As músicas e melodias cantadas e dançadas nas festas do Samba de Cacete não têm somente um compositor específico são originadas por diversos membros que com suas criatividade compõem as letras musicais para que sejam cantadas por todos os dançarinos.

Observei no decorrer deste estudo que, embora os comunitários tenham demonstrado que essa manifestação tem impacto positivo para a continuidade da preservação de sua cultura, o que de fato é verdade. Mas, esta é uma questão que ainda carece de mais estudos, pois o modelo peculiar de seu ritmo, canto, melodia e coreografia, conforme já se anunciou, ainda é pouco conhecido e identificado. Assim faz-se necessária a construção de novas formas de divulgação sobre esse tema, para que, de fato, o reconhecimento seja efetivamente positivo.

Desta forma, novos trabalhos devem ser realizados a respeito do Samba de Cacete, que analise essa comunidade dando ênfase aos gêneros textuais, ali presentes, adequados à oralidade como contos, lendas, piadas, causos, advinhas entre outros.

FONTES DA PESQUISA

a) FONTES ORAIS:

Anastácia Ramos, 88 anos, moradora de Umarizal.
Calistro Renivaldo Azevedo dos Santos, 63 anos, morador de Umarizal.
Deumetila de Farias Vilhena, 57 anos, moradora de Umarizal.
Doriedson Lopes Vieira, 47 anos, moradora de Umarizal.
Narciso vieira Ramos, 65 anos, morador de Umarizal.
Panfilo Machado, 85 anos, morador de Umarizal.
Pedro de Farias Lopes, 80 anos, morador da vila de Umarizal.
Raimunda Farias, 85 anos, moradora de Umarizal.
Raimundo Teixeira Miranda, 47 anos, morador da vila de Umarizal.
Ronaldo Rodrigues de Freitas, 51 anos, morador da vila de Umarizal.
Terezinha Lopes Vieira, 76 anos, moradora de Umarizal.

b) FONTE ESCRITA:

Regimento do samba de cacete
Relatório da vila de Umarizal
Projeto Político Pedagógico da E.M.E.F. de Umarizal

c) FONTE BIBLIOGRÁFICA:

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. **Nas Veredas da Sobrevivência:** memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. Samba de cacete: ecos de tambores africanos na Amazônia Tocantina. IN: Tambores e batuques Sonora Brasil - Circuito 2013 – 2014. – Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, 2013.

d) FONTES IMAGÉTICAS:

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa de campo e as que foram encontradas nos acervos familiares das pessoas entrevistadas

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa de Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. **O que se entende por língua e linguagem?** 2009. www.museudalinguaportuguesa.com.br. Acesso em 15 março 2013.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça; RONCARATI, Cláudia. Crenças de professores e aluno de português de escolas públicas de Juiz de Fora – MG. In: RONCARATTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Letras, 2008.

JUNKES, Márcia Maria. **Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa**. 2009. Caderno de Estudos. Grupo Uniasselvi, Indaial.

LEI Nº 10.639/2003. Obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, DF: 2003.

LIMA, Izete de Souza. **Variação lingüística nas aulas de língua portuguesa: uma abordagem acerca da eficiência da aplicabilidade dos PCN**. Disponível no site: www.insite.pro.br. Acesso em 18 fevereiro 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.

PINTO. Benedita Celeste de Moraes. Os remanescentes de quilombolas na região do Tocantins (PA): história, cultura, educação e lutas por melhores condições de vida. IN: Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. **Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. Samba de cacete: ecos de tambores africanos na Amazônia Tocantina. IN: Tambores e batuques Sonora Brasil - Circuito 2013 – 2014. – Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. **Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado Amazônico**. Cametá: B. Celeste de M. Pinto. Editora, 2007.

Projeto Político Pedagógico: Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal. Revisto no ano 2016.

RODRIGUES, Ivone dos Santos. **A Identificação da Linguagem Popular Quilombola da Comunidade Remanescente de Quilombos Bailique-Baião/PA.** Indaial. Grupo Uniasselvi-PÓS, 2012.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará sob o regime da escravidão/* Vicente Salles. – 3 ed. Ver. Ampl. – Belém: IAP; programa Raízes, 2005.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação.** Belém: Secretaria Executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006. pp. 47-160.